



A Sr.ª D. Amelia dos Reis Colaço cuja estreia auspiciosa no «Republica» constituiu um verdadeiro acontecimento teatral.

(«Cliché» Furtado & Reis).

II SÉRIE—N.º 615

Lisboa, 3 de Dezembro de 1917

Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Assinatura Trimestre, 1\$45 ctv.—Semestre, 2\$90 cent.—Ano 5\$80 ctv. Numero avulso, 12 centavos

Numero avulso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal

—O SÉCULO—

Director—J. J. da Silva Graça

Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.ª

Editor—José Joubert Chaves

Redacção, administração e officinas: Rua do Seculo, 13—Lisboa

Um Bello Dia de Caça

e uma sacola cheia é a recompensação para quem usar os

Cartuchos de Polvora sem Fumaça "NITRO CLUB" e "ARROW"

Forrados A Prova d'Agua com Aço Feitos nos Calibres 8, 10, 12, 16, 20, 24 e 28.

A vedna por todos os principaes commerciantes em todas as partes. Enviamos catalogo gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co. Woolworth Bldg., Nova York, E. U. A. do N. Todos os cartuchos "Nitro Club" e "Arrow" são forrados com esta banda de aço interiormente a qual oferece maior resistencia donde mais se precisa dando grande força penetradora ao disparo.



REMINGTON UMC

AGENTE EM PORTUGAL: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

Casamentos Atracção do bem INSTITUTO Electro-Magnetico

M. ^{lle} ROLAND

Vê claramente o PASSADO, PRESENTE E FUTURO e só trabalha na sua especialidade, de CASAMENTOS e AMORES MAL CORRESPONDIDOS.

NÃO RECEBE QUALQUER OUTRO TRALHO, TODOS OS DIAS (incluindo domingos, das 11 às 8 h. n.

GRANDE variedade em Pós e Perfumes de atrair e em Pedras de atracção, proprias para adereços.

Todos estes preparados são scientificamente analisados por operador diplomado pelo Instituto Internacional de Psicologia e tem a força de atrair a estima e o bem e de afastar o mal.

Avenida Almirante Reis, 119, 1.º (Frente)

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
 COLOSAL SORTIMENTO
 Rua do Oura, 261 JOAQUIM N. ALVES
 LISBOA

Sonambula

Quem tiver qualquer duvida no seu espirito, deseje realizar um ideal em amor, o exito em negocios, vê-se livre de doenças ou situações dificeis, con-ulte M. ^{lle} TULA, será guiado a FELICIDADE, Consultas das 12 às 18 horas, na rua Oriental do Campo Grande, 26, 2.º, E., prédio alto, entre a egreja e o chafariz. Cartas com \$10 para resposta.

Trabalhos tipograficos
 Rua do Seculo, 43—LISBOA



A

Enterocolite mucosa-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS—T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa

Crema BELEZA

Para desenvolver os sejos e tornar-os rijos, usem o **Crema Beleza**, infalivel e inofensivo. Frasco pequeno para experimentar 500 réis; grande, com brinde de pó de arroz finissimo, 1\$300 réis. —Madame L. OTERO, Rua Bomjardim, 202, Porto, e Rua da Prata, 156, Lisboa.

Loja MODELO

Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso estabelecimento devem Vv. Ex.ªs fazer a titulo de experiencia. —ROCIO, 4 e 5. —Telefone 2 566.

Vêr, quarta-feira, o Snplemento de MODAS & BORDADOS (Do Seculo)

ASTHMA
 Remedio soberano Cigarros **ESPIC**
 Nos hosp.ªs & pharm.ªs do mundo inteiro. Em grosso: 20, r. St-Lazare, Paris. Escrijan a firma J. ESPIC em cada Cigarro

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do cancro (Eptitellomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, nevrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. metrites. Uretrites cronicas. Hienorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sifilis, etc.



Antes



Depois

Raios X e electricidade na goia, reumatismo, coração, pele, neuralgias, paralisias, tumores, etc.

Consultorio: Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado)—Telefone 2.570. LISBOA

O passado, o presente e o futuro Revelado pela mais celebre chiro- mante e fisionomista da Europa. **M. ^{me} Brouillard**



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez dos ciencias, quimancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Pala portuguez, francez, Inglez, alemão, Italiano e hespanhol. Dá consulta diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43. RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$00 réis.

O luxo

De vez em quando refere a indignação literaria, em duras invectivas de jornal, porque alguém faz no mercado uma compra de vulto, adquirindo um objecto por preço que se julga exagerado, ou ainda porque a reportagem assinalou uma despesa que não está nos nossos hábitos. Agora é um colar de perolas pelo qual se deram muitos contos, logo um chapéu de quatrocentos escudos, depois um comboio especial que se fretou para assistir a um casamento pomposo...

Uma razão de sentimento ocasiona essas expansões irritadas, a condenarem o que se afigura ser ostentação inconveniente de opulencia, quando a penuria bate á porta de tanta gente, em contraste violento e cruel; razão de sentimento, sim, razão de bondade, talvez, mas despida de uma análise que provavelmente modificaria a linguagem dos que assim pretendem castigar.

Pelo facto de estarmos em guerra não deixa de haver pobres, ricos e riquíssimos, acentuando-se mais até do que em tempo de paz, o desequilíbrio que essa divisão representa. Em muitas partes aumentou a riqueza e também em muitas aumentou a pobreza, coisa de lamentar, porque aquela foi, em geral, procurar o seu crescimento ás migalhas da indigencia. E', porém, condenável o luxo, que em tempo de paz é uma necessidade, precisamente para que a riqueza se reparta e vá subdividindo? terão de desaparecer as industrias do superfluo, porque o tempo é de guerra, porque os virtuosos se afligem com as injustiças sociais? não constituiria acaso esse desaparecimento um agravamento de miseria publica, pois contam-se por muitos milhares as criaturas a quem essas industrias oferecem trabalho?

Compete a quem a tais problemas se dedica o pensar se, em vez de provocar, directa ou indirectamente, o retraimento dos gastos conformes com o grande capital e por ventura a immobilização do mesmo capital, seria preferível que o Estado, que compreende ricos e pobres, ali fosse buscar para os encargos geraes um justo e proporcional auxilio que, no fim de contas, viria reflectir-se beneficemente nos desajudados da fortuna.

Subidas arrojadas

Constituiu um interessante espectáculo o que milhares de pessoas presenciaram ha dias no largo da Estrela, com a subida dos espanhoes Puertollano ao zimbório da igreja, trepando até á cruz com um arrojado e uma confiança muscular invejáveis. Foi uma sensação nova para Lisboa, embotada pelas touradas semanais, pela frequencia dos tumultos sangrentos, pela absorção constante de elementos deleterios, pelo contacto habitual com os riscos da morte, sob variados aspectos. Dois cavalheiros que não procuram o suicidio—o que seria banal—e de segundo a segundo voluntariamente se expõem a ficar sem um osso inteiro, eis o que ainda podia conseguir do alfacinha um pequeno calafrio nervoso, de pouca demora, em todo o caso, visto que o perigo não era para os assistentes.

Outros comentarios, que o caso nos poderia sugerir, seriam aqui de sobejo, porque no numero de hoje do *Seculo Comico*, anexo provisório d'esta ilustra-

ção, o nosso colega que se acoberta com o pseudonimo de *J. Neutral* os faz quasi nos exatos termos em que nós os fariamos. E nem admira a coincidência: é conhecida a identidade de idéas dos dois plumitivos, adotando sempre qualquer d'elles a prosa do outro, tão semelhantes que se confundiriam, se uma não tivesse a pretensão de ser humoristica e a outra si-suda.

Os praticos

Uma das fórmulas de homenagem mais em uso em povos da nossa raça consiste em oferecer um banquete á pessoa a quem se quer prestar. E', naturalmente, um pretexto para reunir varias pessoas com um fim comum e estamos em que as iguarias não veem senão como accessorios, embora a transcrição do *menu* seja da praxe na respectiva noticia do jornal. Seguindo a tradição, altas personagens politicas quizeram ha dias festejar d'aquelle modo a presença em Paris do enviado militar dos Estados Unidos, ao que este se recusou franca e desprendidamente, sem as formulas convencionais a que os latinos dão o nome de delicadeza. A resposta do coronel House foi:

— Vim cá para tratar de negocios da guerra. Os prazeres da mesa ficam para depois, para quando estivermos tranquilos.

Outrem, de paiz menos pratico, apressar-ia a aceitar e a telegrafar aos periodicos da sua terra a honra que acabava de lhe ser concedida; publicaria, talvez, minucias do banquete, perderia tempo, distrair-se-ia por momentos da sua missão. O americano foi positivo, foi claro, e não faltará quem julgue que foi mal educado. Seria, mas excelente falta de educação, essa, rudeza esplendida e digna de imitar-se a que assim define um carácter e uma vontade superiores a todas as ninharias; ha tempo para cumprimentos e ceremonias, quando não se tenha mais que fazer.

Exposição Battistini

Dedicou a *Ilustração Portuguesa*, no seu ultimo numero, uma pagina á exposição, na sua sala de honra, de quadros do illustre pintor Leopoldo Battistini. Não faremos uma duplicação, elogiando-os pelas qualidades que de ha muito deram ao autor um lugar de grande destaque no nosso reduzido *meio* artistico, mas a *Cronica* não cumpriria o seu programa conservando em silencio um acontecimento de tal ordem. Aponta-o no seu repositório de factos notaveis e festivos.

Livros

Editou a casa Ventura Abrantes, da rua do Alecrim, um livro de João Coelho intitulado *Veneno?* e que é apresentado pelo autor como resposta a outro livro: *Palavras cinicas*, de Albino Forjaz de Sampaio.

E' de louvar a indignação patriótica de quem não conhecendo pessoalmente Forjaz de Sampaio não pode ter por inoffensivo um desabafo, apenas de gosto discutível.

Acacio de Paiva.

OS NOSSOS EXPEDICIONARIOS



Um aspéto dos nossos soldados em França.

Todos os que visitam as nossas tropas que já se defrontam com o inimigo e mesmo as que ainda estão recebendo instrução, tanto em França como em Inglaterra, antes de passarem á primeira linha, são perfeitamente d'acordo em admirar a mudança que tem experimentado o soldado portuguez. Desconhecem-no na ordem do seu viver intimo e na disciplina em átos de serviço; desconhecem-no no proposito das suas conversas e no juizo que ele começa



Um alemão feito prisioneiro pelos portuguezes.

(«Clíchés» da secção fotografica do exercito Inglez).

a passo largo e firme, de tronco erecto e perna retezada, como se tivesse adquirido musculos d'aço, parecem mais troços garbosos do exercito aliado do que esses pobres rapazes que ainda ha pouco, arrancados aos campos, pisavam indecisos, vacilantes, as ruas de Lisboa.

Poder-se-ha discutir todas as outras vantagens que temos a esperar da nossa comparticipação na guerra. Uma que não sofre a menor discussão é a da valorisa-

a fazer da nossa situação perante os outros paizes. E, quando ele marcha em troços, ção do nosso elemento militar sob todos os pontos de vista. A verdadeira defeza do paiz



1. Instrução de metralhadoras.

2. Dois chefes do Estado Maior.

constituia para nós um problema cada vez mais grave que os factos provavam não ser so-



Um soldado português e outro francez em serviço de polícia na zona de guerra.

(«Glichés» da secção fotografica do exercito portuguez)



livel mesmo a peso de ouro. A solidez da sua organização dependia da solidez da educação, da preparação do espirito militar, que os nossos soldados hão de trazer no seu regresso. E' este que nos garante o exercito novo de que tanto carecemos. Assim o saibamos aproveitar.



Em França: — O marechal «sir» Douglas Haig, acompanhando o presidente da Republica Portuguesa que passa em revista as tropas Inglezas que lhe prestaram as honras militares. «

(Cliché da secção fotografica do exercito Inglez).



Uma ambulancia veterinaria portuguesa no momento da sua partida para as primeiras linhas.

(«Clichés» da secção fotografica do exercito portuguez).

A escalada da Basilica da Estrela

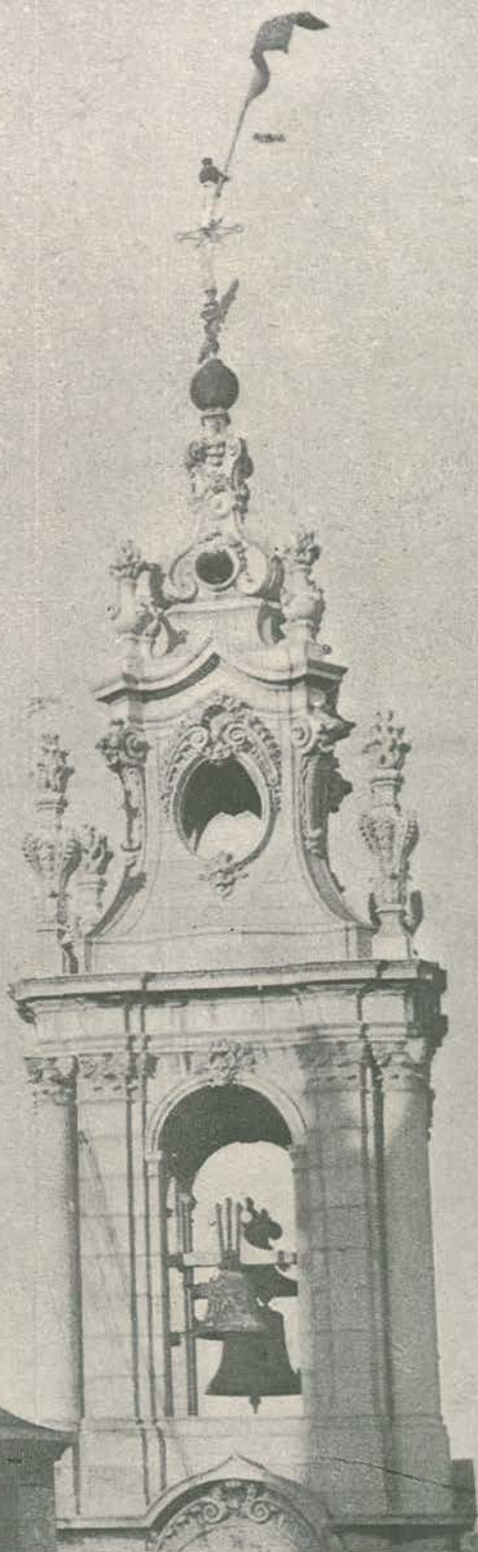
— Subir ao alto das torres... Ora!

O lisboeta, instintivamente desconfiado, deu-se ares de não tomar a serio a façanha dos Puertollanos. O lisboeta duvidou. Mas o dia estava lindo, o espetáculo seria gratuito e uma nega dos escaladores de torres pouco poderia afligir quem tantas negas tem suportado aos ascencionistas da politica...

Afinal de contas deviam contar-se por milhares as pessoas que, na luminosa tarde de domingo, se aglomeraram á volta da Basilica. Os elétricos das linhas convergentes da Estrela sulcavam penosamente as autenticas avalanches de peões, alimentando no largo o permanente choque de duas vagas de povo, cujo redemoinho trazia á flôr chapeus extraviados das respétivas cabeças, gritos estridentes de crianças ensandwichadas, gargalhadas, pragas e lamentos. E suspensos dos gradeamentos de ferro, empoleirados nas arvores do largo e nos tejadilhos dos elétricos, os *gavroches*, pardalada chalreira, exacerbavam a impaciencia da gente séria, com grandes alaridos, que eram outros tantos rebates falsos: «Lá vão eles! Lá vão eles!»

Até que, finalmente, ás 15,25, um intenso rumor de alívio percorreu a multidão, agitando-a de lés a lés, como rajada de vento á superficie d'uma seara. D'esta vez era certo! Dois homens, vestidos de branco, marinham já, aos olhos de todos, pela fachada da Basilica, ora enclavinando-se, torcidos, nas altas, espessas colonatas, ora deslizando, a pulso rijo, sobre as molduras dos nichos, ora cavalgando irreverentemente os hombros veneraveis dos apóstolos e profetas de pedra... Em cada paragem saúdam, agitando as boinas, a multidão, que os contempla muda, maravilhada, suspensa. Depois é a escalada das torres, que os exímios artistas fazem a par, até que alcançam o cocoruto, escarranchando-se nos globos cimeiros. A multidão, atonita, cerra os olhos, em vertigem. E aqueles que se atrevem a abril-os, vêem os dois temerarios hespanhoes de pé, sobre os braços quasi invisiveis da cruz, agitando bandeiras e executando fantasticos exercicios gínicos.

Houve ainda a escalada do zimbório, que muita gente desistiu de vêr, porque os seus nervos



D. José Puertollano no alto da cruz d'uma das torres saudando o publico com a bandeira nacional desfraldada

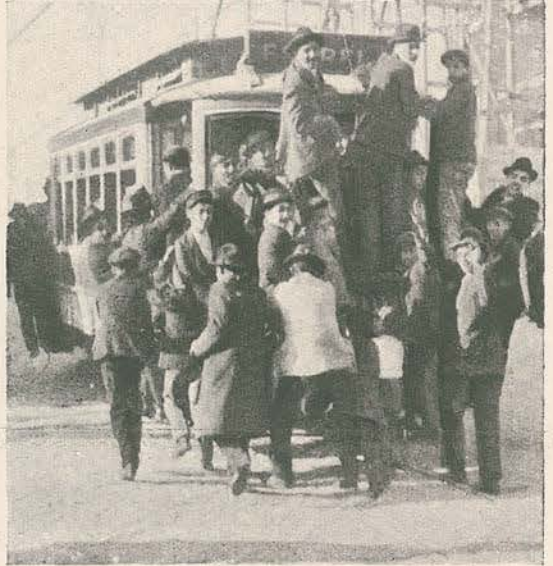


1. Os arrojados artistas D. José e D. Miguel Puertollano.

2. Como os carros elétricos subiam a calçada da Estrela antes da escalada da Basílica.

não podiam mais. Quando os Puertollanos retiraram, levados no seu automovel, a multidão desafogou a aplaudil-os. Afinal, dois prodigiosos artistas que, segundo ouvimos, não passam de dois modestos operarios. Em Portugal, com semelhante geito para trepar, já seriam, pelo menos, subsecretarios de Estado...

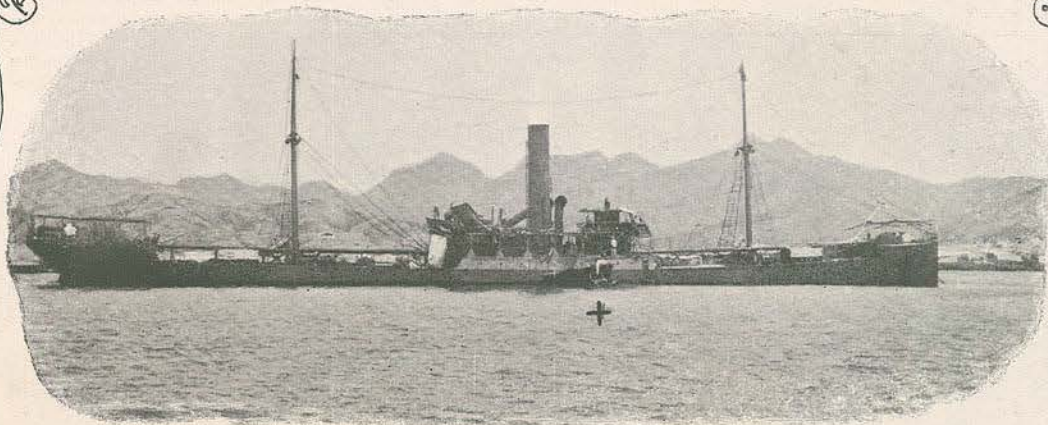
R. J.



Um dos aspéto da multidão

(«Clichés» Benoitel).

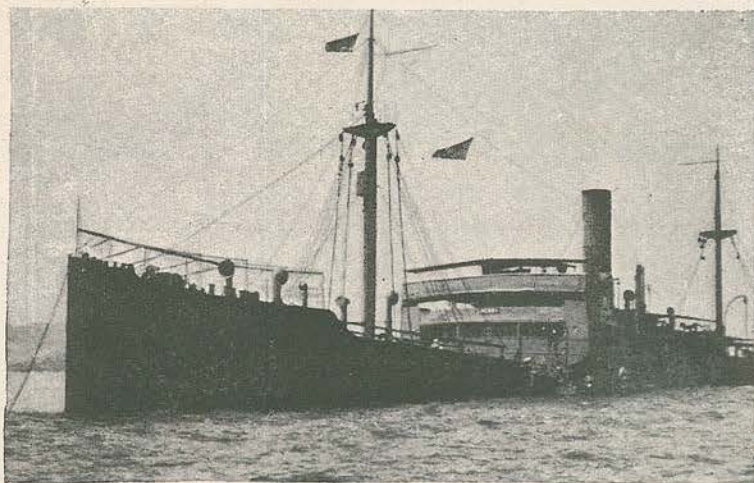
Torpedeamento de dois navios brasileiros



O *Guhyba* encalhado, vendo-se o sítio do rombo assinalado por uma cruz

De novo nos temos que referir a uma façanha praticada pelos piratas em litoral português.

No porto de S. Vicente de Cabo Verde foram torpedeados por um submarino alemão dois vapores da marinha mercante brasileira que ali se encontravam. Uma testemunha da cobarde agressão contra aquelas unidades da frota comercial da nação irmã, o distinto fotografo sr. João de Melo, tirou expressa e gentilmente para a *Ilustração Portuguesa* os belos clichés que reproduzimos e muito agradecemos.



O *Acary* depois de encalhado



Parte do torpedo encontrado no fundo do mar e que tem 8 palmos de comprimento.

Na carta que os acompanhava pormenorisa o nosso distinto colaborador artístico o que foi o novo ultrage sofrido pelas duas republicas e da qual transcrevemos alguns trechos.

«Pelas 6 1/2 horas da manhã do dia 2 d'este mez foi esta pacifica ilha alarmada por duas detonações que a principio se supoz serem resultadas de qualquer explosão a bordo d'algum dos barcos surtos n'este porto; todavia, bem presto circulou a verdadeira noticia. Um submarino boche, que havia entrado no porto, disparára sobre os vapores brasileiros *Guhyba* e *Acary* que entraram a afundar-se.

A canhoneira *Ibo* seguiu imediatamente em perseguição d'um suposto rasto de periscopio ao mesmo tempo que a artilharia de terra rompia fogo, que não obteve exito algum, pois o submarino que se submergira appareceu duas horas depois a 12 milhas da costa d'esta ilha.

Devido ao sangue frio e presteza com que foram executadas as ordens dos comandantes dos barcos atingidos pelas granadas do pirata e aos rapidos socorros prestados por varios rebocadores foram aqueles navios arrastados para junto de terra onde encalharam, procedendo-se então ao salvamento de grande parte da carga, quasi exclusivamente de café.

Além de 7 feridos, um dos quaes de gravidade, ha tambem a lamentar o desaparecimento de dois tripulantes, não tendo sido bem succedidos os inexcusaveis esforços empregados para o seu descobrimento».



A ré do *Acary* inundada de agua, perdendo-se toda a carga que se encontrava no respetivo porão



Trabalhadores salvando a carga, que na sua maioria se compunha de café, do vapor *Guhyba*
(«Clichês» do distinto fotografo sr. João de Melo).

MINHA Senhora: Prometi-lhe ha pouco, quando aqui veio, dar-lhe, de vez em quando, noticias de Paris. Vou tentar, a partir d'hoje, cumprir essa promessa. Falar-lhe-ei, sempre que possa, um pouco de tudo, porque sei que tudo a interessa na vida que aqui se vive e que tem ainda, apesar de todas as amarguras d'estas horas, tantas e tão grandes seduções.

Falemos, pois, para começar, de coisas d'arte. E' um bom começo. Como deve saber pelos telegramas dos jornaes e até pelos artigos das revistas (porque a noticia não é d'hoje) o pobre Degas morreu, já muito velho, quasi cego, na sua casa de Montmartre. Porque lhê chamo pobre? Porque ele de facto o foi toda a sua vida, d'essa alegria d'alma, d'essa conformidade feliz, que em si encerra toda a doçura de viver. Era um azêdo, de relações cortadas com a sociedade do seu tempo, de mal com todos e de mal

lebridade veio-lhe sem que ele a tivesse procurado e não será excessivo dizer que a recebeu de mau-humor.

Degas sabia pintar. Aprendeu na grande e boa escola: nã dos antigos, os verdadeiros



E. Degas.—Dansarina em cena



E. Degas.—Ensalto d'um ballado no palco

comsigo mesmo, semeando a torto e a direito sarcasmos cruéis d'onde nasciam odios, revoltando-se contra as injustiças do destino, contra a hipocrisia dos homens, rindo amarelo da comedia da vida, creando em torno de si uma barreira que o separava dos seus semelhantes, barreira de respeito talvez um pouco, mas tambem muito de inimizade e de terror.

Esse terrivel homem era um grande artista. Os frequentadores dos museus conhecem-n'o pouco. No Luxemburgo ha apenas uma parcela minima da sua obra; no Louvre entrou com a doação Camondo. Raras vezes expoz. Uma das suas telas vendeu-se ha anos por uma soma fabulosa. A ce-

mestres. Passou anos percorrendo os museus d'Italia. D'esse estudo trouxe o segredo da perfeição tecnica: mais nada! Não procurava como os mestres d'outr'ora, as graças da Natureza: para com ela, como para com todos e para com tudo, esse observador, maravilhosamente dotado para tudo vêr e tudo revelar, era cruel. As pequenas dansarinas dos seus quadros mais celebres, escleroticas, sem mocidade, sem elegancia, pobres fantoches armados para a illusão da ribalta, são verdadeiras por certo, mas d'uma verdade feroz.



E. Degas.—Nas corridas de cavalos

Degas não era sociável. Isso lhe criou inimigos sem dúvida, mas isso o salvou também de perigosas transigências. Soube até ao fim ser

cavel, impiedosamente pôde-se dizer. E corria atrás da verdade e era infeliz por certo como todos os que atrás da verdade correm. A felicidade paga ainda um grande tributo á mentira. Povoamos a vida de milhões mais ou menos autênticos e d'ilusões mais ou menos puras; com aqueles enganamos os outros, com estas enganamo-nos a nós próprios. A mentira sempre...

V. Ex.^a, Minha Senhora, achar-me-ha hoje sem dúvida insuportável pessimista. Perdôe-me; é um pouco do tempo. O céu deixou de ser azul. Só voltará a sê-lo n'estas paragens aí pelo quarto ou quinto mez do ano que vem. Agora é côr de chumbo. As folhas caíram todas. O frio começa. E o carvão falta para pobres e para ricos. Todos n'este inverno, que se anuncia triste, sofrerão da miséria dos tempos. Porque está escrito que a única igualdade que de vez em quando ainda é possível n'este mundo, é a igualdade na dor



E. Degas.—Depois do banho

ele-mesmo, com exagerada aspereza mas com legitimo orgulho. Aqueles que ele magoou com as suas *boutades* não lhe perdoarão nunca, porque essas coisas não se perdôam. Mas a posteridade, que não terá conhecido o homem, poderá á vontade, largamente, admirar o artista.

Evidentemente ele era um pária n'uma sociedade que adora os *charmeurs*. Degas com todo o seu genio fazia má figura nos salões onde ainda ha pouco Bolo pachá era recebido com as honras que se dispensam aos reis. Esse ria-se tambem talvez do mundo *snoob* que o adulava, mas ria-se por dentro. A sua mão era afável e acolhedora; o seu sorriso cortez. Era um grande senhor que possuía milhões e sabia gastá-los com elegancia. Paris nunca cuidou de perguntar-lhe d'onde eles vinham — ele e os seus milhões. Hoje sabe-o com pasmto e com horror. E repelindo com dignidade o pachá vencido, prepara-se para abrir os braços ao pachá que ha-de vir.

A vida é assim, a vida é isto; e é porisso que Degas a via com desdem e a fulminava com sarcasmos. Ele insistia em dizer que ela era feia, feia como as mulheres que pintava—impla-



E. Degas.—O absinto

Beijo-lhe respeitosamente as mãos.

Paris, 4 de novembro.

PAULO OSORIO.

EM TERRAS DE AFRICA



No acampamento de Goba, fronteira da Suzilândia:—Concluindo a palhota do comandante militar, major sr. Quaresma,

(«Cliché» do distinto amador sr. Peres Favo).



O arrojado e distinto oficial, major sr. João Batista Cardoso, comandante em chefe das tropas que operam nas regiões de Seles e Amboim.

Tem sido enorme o esforço do exercito portuguez nos nossos dominios africanos. Depois da expulsão dos alemães que pretendiam apoderar-se de parte do nosso patrimonio, ficou a semente da revolta dos indigenas, lançada pelos nossos inimigos e que a todo o transe os valentes soldados portuguezes tratam de destruir, acabando com os discolos e levando o socego tão necessario para o trabalho dos nossos irmãos de além-mar. A coluna acampada em Goba, Africa Ocidental, tem conseguido esses beneficos fins.



Officiaes no acampamento de Goba:—Da esquerda para a direita: capitão medico sr. Fernandes; capitães srs. Cruz e Ribeiro; major sr. Quaresma, comandante militar e do batalhão; capitães srs. Aguiar e Lobo.

(«Cliché» do distinto amador sr. Peres Favo).

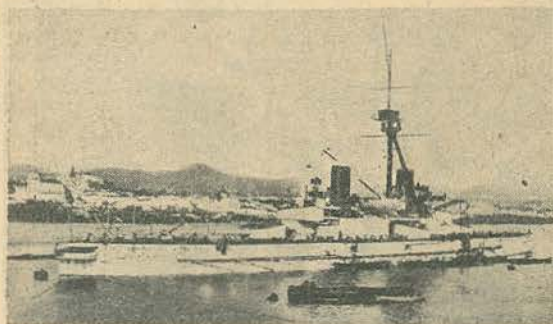
A GUERRA



O presidente da Republica Brasileira assinando o decreto declarando guerra á Alemanha. Ao seu lado o chanceler, sr. dr. Nilo Peçanha

O Brazil e a Alemanha. — O torpedeamento do vapor brasileiro *Macau* fez trasbordar a paciencia da nação brasileira, que de ha muito dava mostras de querer romper as hostilidades com a Alemanha, que no mar praticava com os seus submarinos os mais hediondos crimes de pirataria. E, n'uma nota

estava disposto a tolerar semelhantes selvagerias. A esta nota respondeu o governo *boche* com o torpedeamento de mais dois vapores, o *Acahy* e o *Gutohyba*, que produziu um violento fremito de indignação no paiz nosso irmão, que, n'um justificado amor patriotico, levou o seu governo a declarar a guerra aos



O couraçado brasileiro «Mina Geraes»



O couraçado brasileiro «S. Paulo»

energica, enviada a ao governo alemão, o Brazil fazia compreender a essa horda que não

inimigos da Civilização, do Progresso e da Humanidade.

Os bailes russos de Diaghilew



Veem ai os bailes russos! Se todas as grandes cidades os festejaram, porque motivo Lisboa que tão intensamente sabe vibrar perante as manifestações d'arte, não haveria de prestar também a sua homenagem aos



Fokine, o ressuscitador do ballet.

dar um conjunto de impressões de deslumbramento e de beleza desde a bizzarria dos cenários e guarda roupa de Bakst, Benois, Lorinow, etc. ás composições musicas, deliciosas e imorre-



bailes que Fokine ressuscitou indo buscar as creações ingenuas de Pecour e o espirito de tradição do grande paiz em que nasceram. Traduzindo poemas ou lendas, domina n'esses bailados a mais exuberante imaginação. E' ela que traduz a ação, umas vezes rude e sangrenta, outras d'um sentimento e d'uma delicadeza comoventes. E tudo se liga em taes espètaculos que em breve aclamaremos no Coliseu dos Recreios, para nos

douras obras primas, de Rimsky-Korsakow, Borodine e Strawnsky, á originalidade e encanto dos poemas coreograficos de Fokine, Massine, Bolm e Petipa, aos gestos e atitudes estranhas e inverosimeis de Lopujovka e Tchernichewa, de Gawriloff e Massine. Nunca os nossos olhos admirados se mergulharam, avidamente, em tanta riqueza faustosa e brilhante, em tão estremada e soberana elegancia!



Diversos aspètos dos bailes russos



Uma tenta em Monte Pedrogam

As diversões tauromáquicas que o sr. Simão da Veiga proporcionou nas suas propriedades de Monte Pedrogam, próximo de Lavre, a numerosos convidados, revestiram o encanto carate-



De volta do campo

ristico de taes festas, de um sabor tão essencialmente portuguez, e cuja tradição aquele distinto lavrador, que é também um artista, se empenha em não deixar perder e se compraz em proseguir com



Simão da Veiga passando de muleta



Fernando Campilho tentando



O sr. Simão Luiz da Veiga e os seus convidados



Senhoras assistindo á entrada do gado

uma intelligencia e um bom gosto superiores a todo o encomio. Foram dois dias cheios de movimento e de interesse, de alegres peripecias e de revelações de bravura e dextreza; dias de um convivio saudavel e descerimonioso, em pleno campo, onde os pulmões se lavam, os nervos se tonificam e os olhos repousam nos limpidos e placidos horisontes; dias de uma hospitalidade fidalga e em que as delicias da existencia bucolica puderam ser saboreadas por alguns a quem o artificialismo

absorvente e deleterio da cidade ainda não derrancou o paladar...

O sr. Simão da Veiga foi um notavel amator tauromaquico. Seus filhos, cuja risonha juventude constitue o supremo encanto do seu lar abençoado, seguem-lhe as pisadas e, por occasião da ultima ferra, tiveram ensejo de pôr em evidencia admiraveis qualidades em frente dos bezerros que tourearam. As horas em Monte Pedrogam decorreram rapidas e felizes e de certo ficarão memoraveis para os que na sadia atmosfera ru-



O sr. Simão da Veiga e seu filho



Depois da ferra — («Clichés» Benollel).

ral, no contato da natureza e dos homens simples e bons como ela, na contemplação de espétaculos rudes mas fortes, deparam estímulos, retemperam energias e cobram alentos que lhes permitem resistir — ás sensuaes molezas e aos venenosos filtros da civilização de hoje...

O esforço portuguez em Africa



1. Tropas expedicionarias em Palma (Moçambique).

2. Serviço d'abastecimento da coluna.

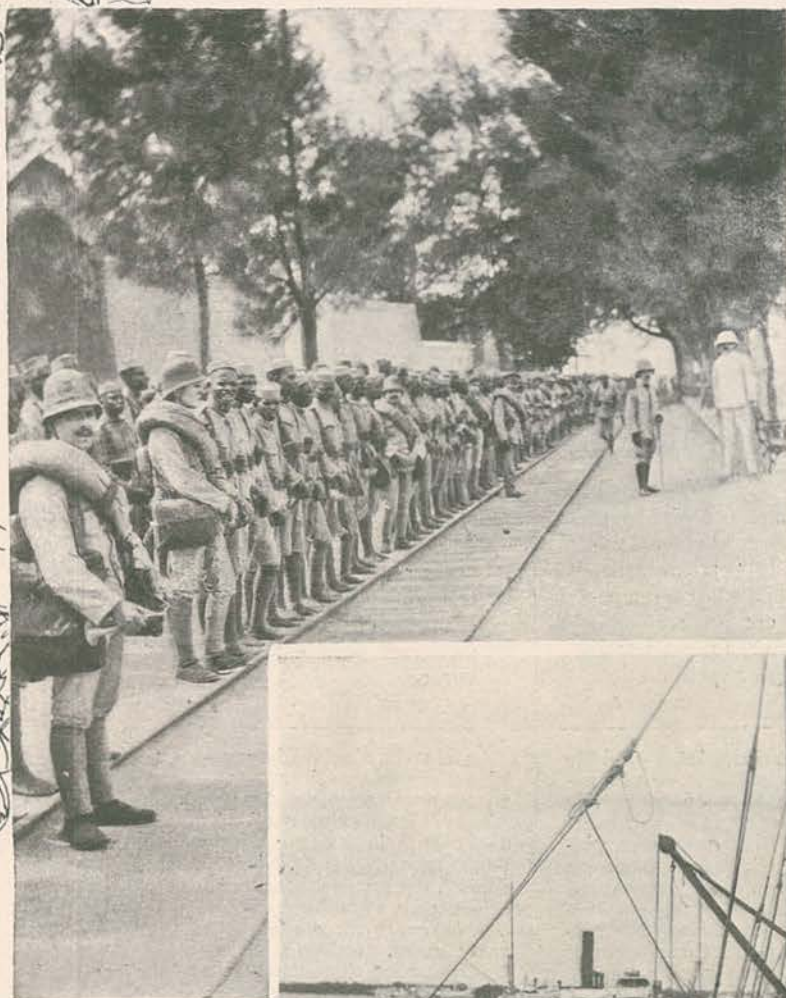


Não quer a *Ilustração Portuguesa*, perder o ensejo que se lhe oferece, de prestar homenagem ás tropas indígenas que, juntamente com os soldados europeus expedicionarios ao norte de Moçambique, se encontram denodadamente combatendo contra os inimigos da civilisação. Este preito é merecido não só pela apreciavel colaboração prestada pelos indígenas ás nossas tropas, dadas as suas excelentes qualidades: guerreiras e a sua resistencia ao clima rigo-



Uma trincheira n'uma das margens do Rovuma.

(«Clichés» da secção fotografica do exercito portuguez).



A 39.ª Companhia Indígena expedicionária ao Rovuma aguardando no caes de Quelimane o momento da partida.

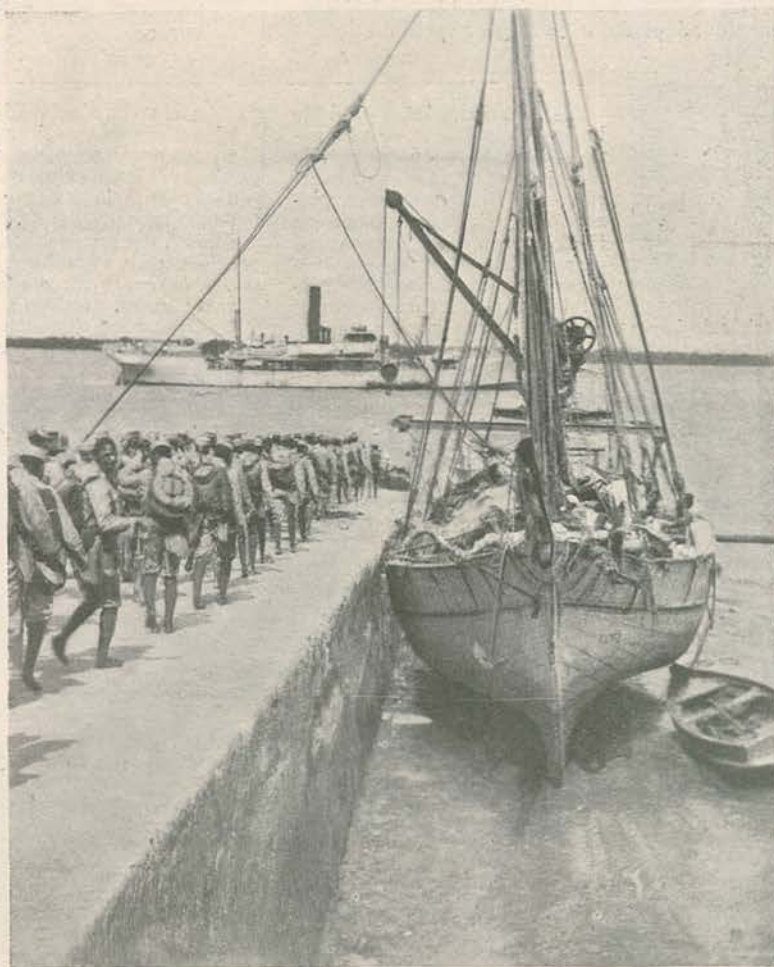
roso d'aquelas regiões, e a qual tem contribuido de véras para o exito do nosso esforço em Africa, mas tambem porque, tendo recebido alforria de portuguezes, assim devem ser tratados.

Se bem que a nossa provincia de Moçambique não esteja completamente pacificada, todavia uma grande parte da sua população indígena encontra-se submetida á nossa soberania e gosando a salutar ação das nossas leis e a benéfica proteção das nossas autoridades.

Os soldados indígenas, que se encontram nas margens do Rovuma, tem dado manifestas provas da sua

coragem e da sua rapida adaptação á disciplina militar, e do saber e zelo como foram instruidos pelos illustres e benemeritos officaes que os comandam e merecem os mais rasgados elogios, pois apresentaram, não sem inexcediveis esforços, tropas adestradas e disciplinadas, que os honram de véras e são dignas de figurar ao lado dos soldados europeus, não desmerecendo tambem d'estes no valor e denodo com que batalham.

A valentia das forças indígenas, sobejamente comprovada pelos atos de bravura, causou a maior admiração a todos os que presenciaram a sua pertinaz resistencia e sangue frio.



A 39.ª companhia Indígena na ocasião do seu embarque para o norte da provincia de Moçambique. Ao fundo vê-se o vapor «Luabo», que a conduziu.

(«Clichés» do distinto amador sr. Manuel Saragga Leal).

FIGURAS E FACTOS

"A Seita Tenebrosa.— Começou o *Seculo*, edição da noite, a publicar, no dia 26, o mais original, imaginoso e empolgante dos romances policiaes que até hoje tem passado pelas colunas dos folhetins ou pelo *écran* dos cinematografos. As proezas pasmosas d'esse formidavel bando de facinoras, tendo por teatro a India, o paiz de mais terriveis misterios, onde domina o hipnotismo, o espiritismo, o sobrenatural nas suas formas mais alucinantes e irresistiveis, são de molde a impressionar profundamente ainda os temperamentos mais serenos e corajosos.

"A Seita Tenebrosa" foi magistralmente adaptada a portuguez pela distinta



Sr.ª D. Alice Lawrence Oram (Celia Roma).



Sr. Leopoldo O'Donnell.

escritora sr.ª D. Alice Lawrence Oram (Celia Roma) e, ao passo que vae saindo no *Seculo*, edição da noite, é projetada nos cinemas Olimpia e Chiado Terrasse, por acôrdo estabelecido entre o *Seculo* e o sr. Leopoldo O'Donnell, tão inteligente como arrojado empresario do Olimpia.

O publico tem disputado a leitura do novo romance com uma avidez extraordinaria, que bem se justifica, não só em Lisboa como em toda a provincia por onde o *Seculo*, edição da noite, se vae espalhando profusamente, como a melhor distração que pôde haver para estas longas noites de inverno.



Alfredo Napoleão.— Foi tão infeliz como talentoso este notavel pianista e compositor. Já a ultima vez que o ouvimos no salão da *Ilustração Portuguesa*, a infelicidade cravara-lhe fundo no rosto e no olhar a sua garra implacavel. Nasceu no Porto em 1852 e morreu n'um hospital em Lisboa. Compoz varios

trechos de importancia e deliciau com os seus concertos em Lisboa e Porto distintos auditorios.

Inacio da Costa Ilharco.— E' um distinto aspirante de finanças em Castanheira de Pera. A's suas excelentes qualidades de funcionario publico junta a de um grande patriota. N'aquele concelho promoveu uma subscrição para secundar a obra do *Seculo* em favor dos soldados portuguezes, tendo já enviado 73\$70 e proseguindo com louvavel dedicação e imquebrantavel fé na sua cruzada.



Comissão de senhoras do Faial que adquiriu e confeccionou roupas e agasalhos enviados aos soldados portuguezes que se encontram em França. Ao centro a sr.ª D. Gulomar J. Moniz, tendo á sua direita as sr.ªs D. Maria J. L. Goulart de Medeiros e D. Maria Jane A. Pinheiro, e á esquerda as sr.ªs D. Maria J. Sarmiento Rosa e D. Belmira Martins Bettencourt.

MORTOS ILUSTRES



O sr. D. José Lobo da Silveira Quaresma, marquez-barão d'Alvito.



O sr. Antonio Batalha Reis, professor, publicista e œnologo eminente

Um dos mais provecctos representantes da aristocracia portugueza, e que teve o seu momento de risonha notoriedade, finou-se, esquecido e na pobreza, á sombra das ruinas do seu castelo alentejano, por uma d'estas formosissimas tardes outonaes, na convicção, por certo a mais absoluta, de que nada valem as chamadas grandezas humanas e que todas elas se reduzem a cinza e fumo, não suprimindo a falta de um aconchego, de uma forte amizade, embora humilde e obscura, nas angustias da velhice, do abandono e da miseria... Queremos referir-nos ao sr. D. José Lobo da Silveira Quaresma, quarto marquez de Alvito em sua vida, decimo conde e decimo quinto barão de Alvito, de juro para sempre, sem haver de requerer carta ou licença regia... Contava o extinto noventa e um anos de idade e, tendo sido par do reino, por successão a seu avô, gentil-homem da camara dos reis D. Luiz, D. Carlos e D. Manuel, comendador de varias ordens e, sobretudo, um homem engraçado, dispondo de *verbe* pronta e sarcástica, a sua maior proeza, que só a ele prejudicou, fazendo-o passar transees dolorosos, consistiu no desperdicio de uma razoavel fortuna, a ponto de, ao que parece, ser amparado hoje por aqueles a quem outr'ora coadjuvára... O marquez de Alvito foi o graciosos da cõrte, e n'um livro de apontamentos intimos de D. Carlos I, encontrado no palacio das Necessidades após a implantação da Republica, o soberano tragicamente morto no Terreiro do Paço definia-o n'uma palavra, com um nome: *Triboulet*... E' possivel que o monarca se lembrasse apenas de algumas chalaças candentes do marquez que, para se vingar, sem duvida, dos beliscões reaes, não poupava os amos em cujos labios, por vezes, fez aflorar sorrisos amarelos. Uma das historietas mais curiosas que se referiam a seu respeito era a da projectada venda do castelo de Alvito a D. Carlos... O marquez estava em apuros de dinheiro e propoz o negocio ao rei. Então o soberano, com uma ponta de malicia, o seu ar bonacheirão, observou: «Mas tu já em tempos vendeste Alvito a el-rei D. Luiz!» E o velho titular, não se desmanchando, poz um belo remate á conversa com esta exclamação que era ao mesmo tempo uma saída ótima e uma agradável lisonja: «A memoria d'estes Braganças! A memoria

d'estes Braganças!» Era, de ha muito, de outro mundo, o nonagenario marquez que das mãos de D. Pedro V recebera o marquezado e os arminhos de par... Sobrevivendo a cinco reinados e á propria monarchia, sob as ruinas do castelo de Alvito poderia dizer-se um espétro, de cujo facies se não apagára a expressão sardonica, mas que teve a consolal-o na hora extrema o respeitoso carinho de sua segunda esposa—que bem poderia ter sido sua filha...

* * *

Antonio Batalha Reis, a quem a morte igualmente arrebatou agora septuagenario, foi uma das figuras tipicas de Lisboa, e, ao mesmo tempo, um dos espiritos mais interessantes e uma das actividades mais prestadias dos ultimos cincoenta anos. Inteligencia clarissima, carater original mas fundamente bom, apaixonado pela sua nobre profissão a ponto de a exercer como um apostolo e um evangelista, a viticultura, a vinicultura portuguezas ficaram-lhe devendo serviços incomparaveis. Foi Batalha Reis, œnologo insigne, quem combateu galhardamente a rotina viticola e introduziu aqui novos metodos salvadores; na cadeira de professor, nos artigos de jornal, nas paginas do livro, nas memorias aos congressos, nos relatorios aos governos, nas lições practicas, tantas vezes desinteressadamente ministradas, espalhou com ardoroso entusiasmo a sua ciencia, desbaratou-a com o fito unico de que aproveitaria ao paiz — e assim succedeu. E' justo incluil-o entre os que maiores direitos possuem ao reconhecimento nacional... Sendo um sabio dentro da sua especialidade, era simultaneamente um artista em tudo: escrevendo, falando, recebendo os seus amigos, decorando a sua pequenina casa cheia de decorações, vestindo e até preparando, como o mais perito Vatel, um almoço de acepipes de sua invenção e que fazia regar com vinhos de uma frasqueira minuscula, mas preciosa e rara como nenhuma outra... As desilusões e os dissabores não lhe crestaram as delicadezas da alma afétuosa e sempre juvenil... Deixou saudades intensas n'um circulo fiel de amigos e em que as dedicações femininas occupavam o primeiro logar, porque Antonio Batalha Reis foi sobretudo um *charmeur*...

Produtos

de

Beleza

NOSSOS

EXCLUSIVOS



Sempre os mais celebres produtos de beleza estrangeiros

"Brilhintina Maria" Produto muito bom, pois dá um belo brilhante ao cabelo sem o engordurar nem o estragar. Conserva-se excelente, sem se rançar.

Frasco..... 450 réis.

"Crème de Rosas" Preparado que rivalisa com os melhores crèmes estrangeiros. Branqueia, amacia e aveluda o rosto maravilhosamente, sem o engordurar, o que é raro nestes produtos. Fixa o pó de arroz. E' um crème ideal. Tem um perfume delicioso e um lindo tom rosa.

Boião..... 500 réis.

"Pó de arroz Maria", produto finíssimo, um dos melhores e dos mais escrupulosamente fabricados que aparece no commercio. Não contendo senão materias primas de qualidade escolhida e sendo feito com todo o cuidado científico, é o pó de arroz que convém a toda a especie de pele. Branqueia e amacia deliciosamente. Não tem um perfume intenso para não irritar a cutis; mas comunica-lhe uma frescura inigualavel. Quem se habitua a ele, não quer outro.

Caixas de 300, 200 e..... 100 réis.

(Segundo os tamanhos).

"Juvenia", poderoso tonico que faz á primitiva cor, loiro, castanho ou preto, sendo um grande vigorizador das raizes do cabelo e tirando a caspa. Não contém nitrato de prata, nem materia alguma que prejudique. E' perfumado.

Frasco..... 1\$000 réis

"Leite Antefelico Maria", o unico preparado conhecido que, sem o menor perigo, tira as sardas, as manchas, o panno do rosto por efeito da gravidez, e, enfim, todos os defeitos da pele. Depois de o usarem algumas semanas, as senhoras adquirem uma pele de rosto que as torna mais novas dez anos. E' produto garantido e de facil applicação.

Frasco..... 900 réis.

"Água Nupcial", so para tirar a oleosidade á pele do rosto e tonifical-a, dando-lhe vitalidade. As senhoras que têm o rosto muito oleoso devem usal-a em substituição do creme. Faz aderir o pó d'arroz perfeitamente.

Frasco..... 900 réis.

"Fricção Maria" As senhoras que têm o cabelo oleoso e que têm dificuldade em molhar a cabeça, podem limpá-lo admiravelmente com este pó, que se vende em pacotes para duas ou tres vezes. Logo que

se deita no cabelo absorve-lhe toda a oleosidade, tornando-o sedoso e fazendo-o armar bem. Tira-se depois simplesmente com uma escova e o cabelo fica limpo e perfumado.

Cada pacote..... 100 réis

"Banho de Farelos perfumados" Toda a gente sabe como é util para a pele o banho de farelos. Sobre essa base preparamos um esplendido produto de perfumaria, pois que cada saquinho destes, metido na agua de um banho, torna-o imediatamente leitoso e perfumado, comunicando á pele o benefico das propriedades dos farelos e das essencias. E' um produto requintado e util.

Cada pacote..... 300 réis

"Loção de Tilia", destinada apenas a perfumar o cabelo, é um produto perfeito, que rivalisa em perfume com as loções estrangeiras. E' delicado, fino e penetrante, conservando-se largo tempo e persistindo.

Frasco..... 800 réis.

"Loção de Violetas" Perfuma o cabelo e amacia-o, sendo um bom produto de toilette. E' vantajoso tambem contra a caspa, a qual dissolve.

Frasco..... 800 réis.

"Leite de Rosas", um dos nossos e dos mais finos que ha no genero. Não receia confronto com os mais reclamados do estrangeiro. Branqueia maravilhosamente rosto, pescoço, colo e braços, produzindo um efeito esplendido sobretudo no teatro, «soirées», etc. Amacia a pele, á qual presta um lindo tom; quem o usa escusa de pó de arroz. E' um preparado que honra a industria nacional.

Frasco grande..... 1\$000 réis.

Frasco de amostra..... 300 réis.

"Depilatorio Concentrado" um dos poucos preparados no genero, que tira os pêlos em 3 minutos sem irritar nada a pele. Opera perfeitamente e não ha a temer nenhuma irritação. E' magnifico para as peles delicadas.

Caixas grandes..... 1\$200 réis.

De tamanho médio..... 600 réis

"Água Alexandra" Destinada especialmente ás mãos, as quais branqueia e amacia deliciosamente, deve ser usada por quem deseja trazer as mãos lindas. Ao mesmo tempo previne contra o cieiro e as frieiras, assim como contra a aspereza e a transpiração das mãos.

Frasco..... 700 réis.

Perfumaria MODA

5, RUA DO CARMO, 7

LISBOA

AGENCIA NO PORTO:

Botelho de Souza & C.^a

Rua de Passos Manoel, 53, 1.^o

A' venda
nas principaes casas
da
provincia e ilhas

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

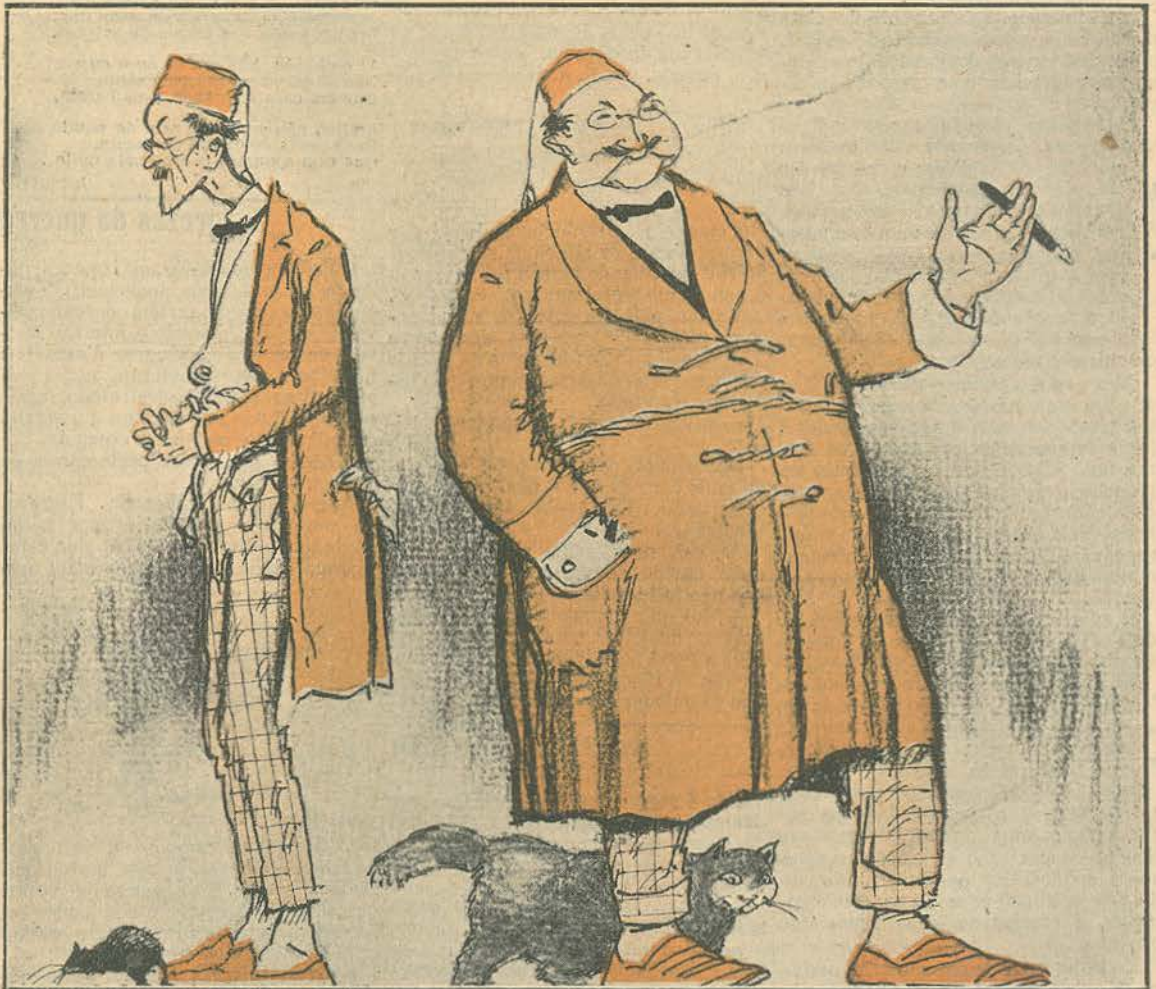
O SÉCULO



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

Antes e depois de tomar o chocolate da guerra



O comerciante:

— *Eu antes da guerra era assim.*

O mesmo:

— *Depois da guerra, estou assim e ainda hei-de engordar mais, se Deus quizer!*

PALESTRA AMENA

No zimbório da Estrela

Olhem agora com o que veem á cidade os dois espanhoes Puertollanos! E olhem o espalhafato que por aí se fez porque esses cavalheiros subiram ás torres e ao zimbório da Estrela, pelo lado de fóra, e lá de cima atiraram papelinhos, como haviam feito na torre dos Clerigos do Porto, como vão fazer na torre Eiffel de Paris e na estatua da Liberdade, em Nova-York!

Primeiro, ha muita gente entre nós que é capaz de fazer a mesmíssima coisa— não falando nas aranhas, moscas, lagartixas e outros reptis igualmente simpáticos. Depois, mesmo entre bipedes, o trepar não apresenta dificuldades de maior, conforme as experiencias a que todos os dias assistimos, aliás sem se manifestar o assombro que Lisboa em peso agora mostrou e fez esbogarhar os olhos e abrir as guelhas, em exclamações, a alguns milhares de papalvos.

Que falamos sob o ponto de vista moral, dirão vossas senhorias. Assim é, na verdade, o que demonstra que estamos a conversar com pessoas inteligentes.

Esta nossa aptidão ascensional já vem de traz, dos nossos antepassados, macacos ou homens: o macaco é o trepador por excelencia, por isso dispõe de quatro membros maravilhosamente d'spostos para se agarrar, não falando no rabo, que tambem é de sua natureza igualmente elevadico, custando-lhe imensamente a ficar por baixo, em especial se vê que os outros sobem.

Já no antigo regimen essas aptidões se afirmaram milhões de vezes. Quantos zimbórios não foram escalados á força de musculos, de unhas, de dentes, até! Chegava-se ao cocuruto extenuado, o sangue escorria do sabugo dos dedos, os bofes queriam sair pela boca— mas chegava-se, o caso era querer e não olhar a meios, encontrão aqui, murro acolá, coice, facada— tudo servia.

E agora? Agora é a mesma coisa. Ha dois sistemas: o do trepador que se agacha de principio, que vai rastejando silenciosamente parede acima, como o caracol, deixando o rasto da baba, e o do que salta claramente, ás escancaras, audaz, assustando os outros. Isto é ha tambem um sistema intermedio que não é dos menos usados e que consiste em ser oportuno, em se aproveitarem as sahlencias sempre que a ocasião se apresenta, em derrubar os obstaculos quando seja possível, para o que, principalmente, é preciso conhecer o momento propicio.

Nisto ha verdadeiros mestres, embora ás vezes surjam atrazos com que se não conta, como, por exemplo, quando se dá o primeiro passo sentando praça na democracia e vai ao poder o evolucionismo, quando se abraça o unionis-

mo julgando-o proximo do governo e o sr. Brito Camacho se nega...

Mas são esses os ossos do officio do trepador, como as superficies lisas com as quais os espanhoes Puertollanos não contam e que se lhes deparam no caminho. Em todo o caso acabam por vencer: então é que intervem a alta gymnastica, o pulo— e ele aí está no pincarro, a encher o papinho, a falar de cadeira e a atirar cá para baixo com os prospectos da moralidade triunfante!

J. Neutral.

Mais inventos

O que produziu a nossa decadencia naval foi— todos o sabem— o emprego do aço nos navios de varias especies. Enquanto foram construidos de madeira, fizemos um figurão, porque madeira de pinho temos nós a dar-lhe com um pau; veiu o ferro, veiu o aço e a nossa armada ficou, como era de prever, desarmadissima.

Ora como «a alguma coisa desgraça é bem»— como traduziria do francez certo mancebo que nós conhecemos— a guerra trouxe a substituição dos navios de aço pelos de madeira, o que os americanos apresentam como invento seu, quando, afinal, é muito nosso. Ra-



ciocinam eles, e raciocinam bem, que para correrem os riscos de ser metidos no fundo, antes os barcos sejam de pau do que d'um metal que está carissimo. Vamos, pois, fazer figura novamente— e mais ainda com uma descoberta que a comissão dos inventos do *Seculo Comico* acaba de experimentar com excelente resultado.

— Navios de papel? perguntará o leitor.

Não senhor, porque o papel está ainda mais caro do que a madeira. A descoberta é... Damos-lhe uma, damos-lhe duas...

Aí vai, para evitar mais impacencias: navios de cortiça, que tambem nos não falta, felizmente.

— Mas que vantagem tem a cortiça sobre a madeira? interrogarão.

Ora essa! Os navios de cortiça nunca vão ao fundo, por mais tentativas que os submarinos façam!

As chalaças do lino

Não é segredo para ninguem que uma das pessoas mais engraçadas de Lisboa é o nosso querido camarada Lino Ferreira; exemplo, a anedota que narramos:

Executava uma orquestra de certo teatro uma opera de Wagner, quando o *maestro* notou da parte do clarinete uma dissonancia manifesta. Avisou-o:

— O sr. clarinete: olhe que na musica não está isso.

Seguiram-se algumas notas certas, mas d'aí a momentos nova desafinação do clarinete. O *maestro*, zangado:

— O sr. clarinete está maluco? Essas notas não estão lá.

Terceira vez, e o *maestro* sai do seu



logar e examina o papel de musica na estante do clarinete, para vêr se haveria erro de copia. Então tudo se explicou: um percevejo, que passeava pelas linhas e intervalos da pauta, desenhava caprichosamente notas que não eram da opera mas que o clarinete reproduzia conscienciosamente...

A uma senhora que comprou um chapéu por quatrocentos mil réis

Quatrocentos mil réis e não fiado Custou certo chapéu d'uma menina N'uma loja que fica all na esquina Que do Carmo torneja pró Chiado.

— Será d'ouro? pergunta o meu criado.

«E' talvez de marfim ou de platina. São perolas ou renda da mais fina. Diz um sabio, que taxam de avisado.

Vi o chapéu. Não era de ouro ou prata. Não se recomendav' pelo estilo Que faz cara a fazenda mais barata,

Emfim, não era d'isto nem de aquillo, Era apenas de cascas de batata. Que está a quatro contos cada quillo...

Belmto.

Surpresas da guerra

Calados como ratos, os inglezes puzeram os *tanks* em andamento e enquanto os *boches* faziam descançadamente o chilo, supondo o inimigo tambem entregue á excelencia d'uma boa digestão de bifés, meteram por essas trincheiras dentro, destruindo, arrazendo, fazendo prisioneiros e reduzindo milhares de alemães a compta.

— Assim não vale! exclamaram os *boches*, assustados.

Agora, as consequencias. Escrevenos um espião que temos por nossa conta nos exercitos alemães, que estes ficaram de tal modo desconfiados que



logo que ouvem zumbir um mosquito, do lado do inimigo, já não podem parar com pressa. E um amigo que temos no exercito inglez conta-nos assim telegraficamente o ultimo exito obtido ante-hontem pelos nossos aliados:

«*Seculo Comico*, Lisboa. Hoje um soldado inglez safu trincheira já ante pé satisfazer necessidade. Surpreza! gritaram *boches*. Fugiram 200.000, deixando 5.000 canhões, sem soldado inglez disparar um tiro. Hurrah!»

Exemplo

Entre marido e mulher, leitores assíduos das notícias da guerra.

A mulher:

—Mas que diabo é isso dos maximalistas da Rússia pedirem, a paz e ninguém lhes responder?

O marido, tentando explicar:

—E' como... é como...

—E' como, o quê?

—E' como se entre nós, fosse o Antonio José de Almeida que a pedisse: Ninguém fazia caso...

Codigo teatral

Os senhores são testemunhas de que se alguém se tem interessado a valer por coisas de teatro é o nosso talentoso colaborador Jerolmo, de Peras Ruivas. A' sua imparcialidade, ás suas observações criticas se deve o pouco que ultimamente se tem feito para levantar a cena portugueza do pôdre marasmo em que jazia.

Pois bem: vem um decreto nomeando uma comissão para elaborar um código teatral, metem na comissão indivíduos que percebem tanto de teatro como nós de politica russa, e o nosso Jerolmo fica no esquecimento! Não terá a competencia excepcional do sr. Castelo Branco, mas cremos que ficaria bem ao lado de qualquer outro membro da comissão, tanto mais que Jerolmo já se tem dedicado ao assunto, elaborando um projeto de código que bem poderia servir de base a trabalho definitivo.

Eis os artigos principais, extrahidos dos apontamentos do Jerolmo.

1.º—Os teatros possuirão um corpo de policia privativo, composto de professores de instrução primaria. Fica restabelecido o regimen do castigo corporal para os autores e atores dramaticos, sempre que a respétiva policia o julgue conveniente.

2.º—Quando qualquer empresa necessite de contratar um artista não se-



rá obrigada a contratar-lhe igualmente os anexos, tais como a amante, a criada, o cão, o gato, o papagaio, etc.

3.º—Haverá escrupulosa parcimonia na colocação de lapides indicando a passagem de artistas pelos teatros, considerando como celebres sómente os que o sr. Jerolmo, de Peras Ruivas, declarar como tais.

4.º—As *matinées* passarão a ser á noite, para conciliar os interesses dos artistas com os das empresas.

5.º—Fica prohibida a adjectivação exagerada nos jornais em relação a autores e atores. Trabalhará a palmatoria sempre que um noticiaria chame *pro-*

EM FOCO

Chagas Roquette



Com este aspecto sério, de pacato,
Com este ar macambusio de tocheiro,
Tem alegrado Portugal inteiro,
Escrevendo comedias, não no trato.

Não ha, posso afirmar-o, cão nem gato
Que não tenha aplaudido o cavalheiro,
E mais tem uma cara de coveiro
E mais parece que não quebra um prato.

Basta-lhe o nome no cartaz, sómente,
Para que eu, que sou tido por sombrio,
Desate logo a rir perdidamente;

Depois vou vêr a peça e desbario:
Rio até ao final, como um demente,
E passados seis mezes inda rio!

BELMIRO.

metedor a um estrejante, estreta á atriz com quem simpatisa, etc.

Em muitos outros pontos toca o nosso estimado colaborador que, depois do que deixamos dito, não deixará, decerto, de ser convidado, como poderoso auxiliar, a fazer parte da comissão do código.

Livros, livrinhos e livrecos

Excerptos da juventude, de Humberto Beça.—Louvavelmente esse poeta portuense oferece a sua esposa este volume de versos, escritos aos vinte anos, conforme o poeta declara. Resentem-se da necessidade de expansão propria dos moços, com a grande qualidade da esperanza, que certamente não foi destruída, no caso presente, com o decorrer do tempo.

Apelar para a nossa critica é que é desnecessario, depois das seguintes palavras da *Nota final* do livro:

«Mau grado a má vontade de certos criticos, continúo a fazer versos. Leio a poesia porque me encanta e sou por ela apaixonado, estudo-a e cultivo-a, porque Candido de Figueiredo, Albertina Paraiso, Lourenço Caiola e outros me tem dito que continúe».

Pois se Candido de Figueiredo, Albertina Paraiso e Lourenço Caiola lhe disseram que continúe—é continuar e deixe lá falar quem fala, porque o resto é uma sucia.

«Piadas» de almanaque

E' com gesto depreciativo que se ouvem e comentam algumas graças inocentes, que não são as descabeladas de agora; chamam-lhes «piadas» de almanaque...

Pois bem. Nós vamos provar que as

«piadas» de almanaque eram sãs, conceituosas, reeditando algumas que provam que os nossos maiores tinham tanto ou mais espirito do que nós.

Vida d'um homem—Nasce, chora, mama, puxam-lhe as orelhas na escola, leva depois cacholeta, embaçam-no, casa e mais embaçado fica, transforma-se burro de carga, sustenta a familia, ouve berrar os pequenos, envelhece, limpam-lhe a baba, morre, enterram-noe fica de menos um martir e um pedaço d'asno.

Coisas em que se não pode acreditar—Juramentos, finezas, promessas de casamento, lérias de janotas, religião das beatas, lagrimas de mulheres, prognosticos de medicos, vaticinios, de almanaque, noticias de periodicos, choro de viúvas, indícios de bom tempo, quebras de falidos e discursos de deputados.

Pequenos beliscões

E' de notar a facilidade com que uma pessoa se desnacionalisa, a ponto de esquecer o seu proprio idioma.

Um distinto medico e *sportsman*, muito nosso querido amigo, que se tem notabilisado ultimamente, pelos seus estudos acerca dos mutilados da guerra, traduz do modo se uinte uma conversa que teve em França, com um seu colega:

«—Soube que em Bonsecours faziam um excelente tratamento para os anquiloses...

«—Julgo que sim...

«—Não quiz deixar que seguissem além, em considerando que mal comprehendia e indaguei de que tratamento se falava:

«—Da ionisação clorurada.

«—Ah! mas apenas clorurada?

«—E tambem iodurada.

Em portuguez diz-se *clorada e iodada*, se a medicina dá licença.



MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

14.^a Parte — 2.^o Episodio

O SEGREDO DA BRUXA — (Continuação)



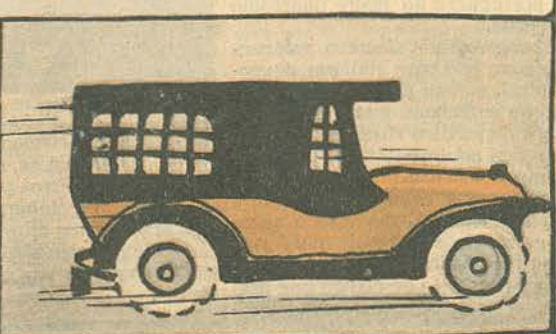
1.—Manecas não pára enquanto não vae ver se o mano Manequinhas está melhor da perna.



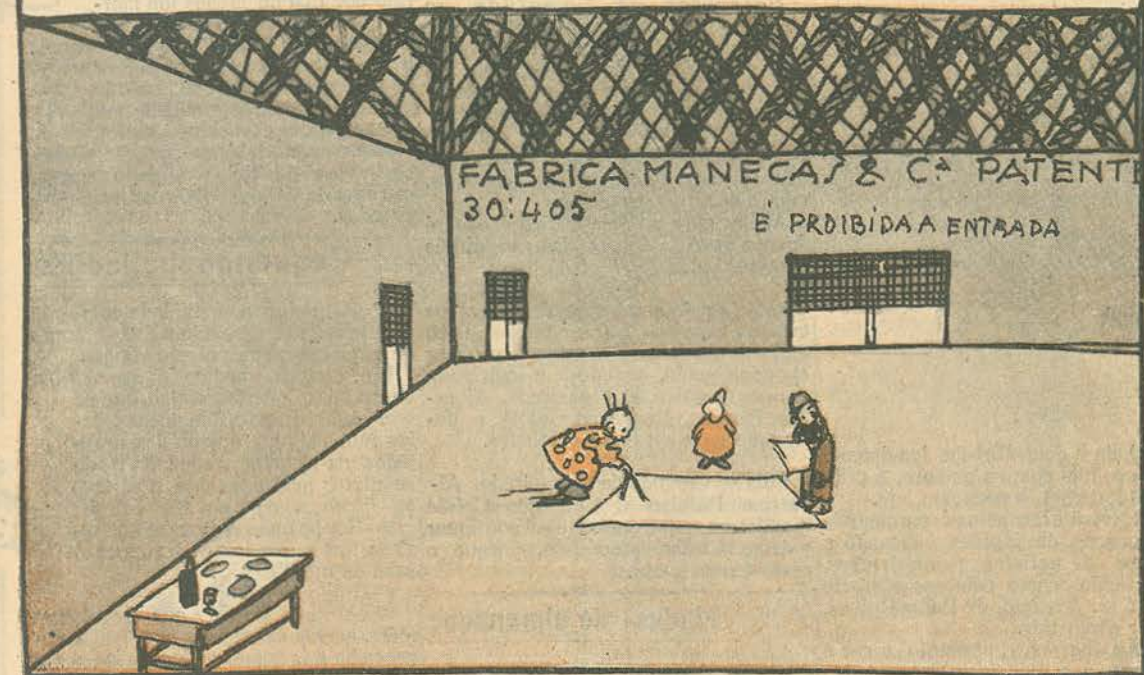
2.—Esté; já lhe não doe, pois agora é de pau. E como não pode estar inativo, estuda uma nova invenção que apresenta em conselho dos aliados



3.—composto pelos tres manos. Resolvem combater a quadrilha até á vitória final.



4.—Como lhes sobre dinheiro dos inventos anteriores, edificam uma fabrica. Para ela se dirigem



5.— e lá completam os planos do maravilhoso invento que ha-de reduzir a quadrilha a terra, cinza, pó e nada.

(Continua).